IMPORTÂNCIA DO TEATRO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

SILVANA EUCLIDES SERAFIM DA CONCEIÇÃO

RESUMO:

Este artigo aborda a importância do teatro no desenvolvimento infantil. A contextualização histórica destaca a evolução da literatura infantil, desde suas origens no século XVII até a consolidação no Brasil, especialmente com Monteiro Lobato. A relação entre literatura e infância é analisada, revelando transformações sociais que moldaram as concepções sobre as crianças. Focalizando o teatro infantil, o estudo explora sua evolução histórica, influência social e impacto no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Destacam-se estratégias para tornar as atividades teatrais mais envolventes e impactantes, contribuindo para um ambiente educacional estimulante. O texto destaca a importância da escolha cuidadosa de encenações teatrais, alinhadas aos interesses das crianças, e a utilização de materiais atrativos. O teatro é apresentado como uma ferramenta valiosa para estimular a imaginação, promover aprendizado e desenvolver habilidades sociais e relacionais.

PALAVRAS CHAVE: Atividades; teatrais; Estratégias; Educacionais; Literatura Infantil; Teatro Infantil;

INTRODUÇÃO

Explorar a relevância da arte para o desenvolvimento infantil não é uma novidade, sendo uma temática amplamente discutida no campo da Educação. No Brasil, a consolidação de seu espaço no cenário educacional ganhou força com a

Reforma Curricular nos anos 90, que, ao formular os Parâmetros Curriculares Nacionais, destacou a importância desse componente no currículo. Apesar disso, ainda encontramos desafios significativos, ainda não superamos abordagens pedagógicas e padronizadas que restringem a expressão da criatividade infantil. Trata-se de um duplo desafio, pois, também é necessário evitar excessos que possam favorecer o espontaneísmo absoluto, defendendo a noção de que a liberdade plena é fundamental para a criação, sem, no entanto, comprometer o necessário suporte ao processo criativo da criança.

Seja no teatro ou nas outras formas de expressão artística, é importante o reconhecimento da Arte enquanto ação educativa capaz de gerar no aluno o desejo de observar, analisar e produzir. Sobre a importância do teatro enquanto recurso pedagógico, Santos e Santos afirmam (2012)

O teatro é um importante recurso didático pedagógico para o desenvolvimento da criança, dando suporte para sua trajetória na vida social, proporcionando experiências novas que contribui para o desenvolvimento integral da criança sobre vários aspectos (Santos e Santos, 2012, p. 01).

O teatro, como expressão artística, transcende as fronteiras do ambiente escolar, influenciando e contribuindo de maneira significativa para a vida social, conforme evidenciado por Santos e Santos (2012). Diante desse contexto, esta pesquisa propõe uma reflexão aprofundada sobre a relevância do teatro infantil para o desenvolvimento integral da criança. O impulso para explorar essa temática emerge de uma profunda paixão pela literatura infantil e pelas artes cênicas, reconhecendo a interseção dessas duas formas de expressão na formação cultural e emocional das crianças.

O estudo está estruturado em três seções distintas. Na primeira parte, apresento uma contextualização histórica breve, mas abrangente, sobre o surgimento da Literatura Infantil no Ocidente, delineando as bases que contribuíram para a construção do imaginário infantil ao longo do tempo. A segunda seção concentra-se no teatro infantil, abordando seus principais aspectos, desde sua evolução histórica até sua influência no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Por fim, na terceira seção, destaco estratégias e abordagens que educadores e profissionais da educação podem adotar para tornar as atividades teatrais mais envolventes e impactantes para os pequenos, promovendo assim um ambiente educacional estimulante e enriquecedor.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil tem origem no Ocidente, a partir do século XVII com as fábulas de Jean La Fontaine (1621-1695), autor de clássicos conhecidos até os dias de hoje, como, por exemplo, “A Lebre e a Tartaruga” e o “Lobo e o Cordeiro”, contudo, naquela época essas histórias tinham o público adulto como alvo. Sendo que a infância não era respeitada, a criança não era considerada um sujeito de direitos, conforme destaca Arroyo (1994, p. 89) a criança era considerada algo à margem da família.

No contexto das profundas transformações sociais, marcadas pela decadência do feudalismo e pela ascensão da burguesia, a concepção de família experimenta alterações significativas que exercem impacto direto na percepção da infância. Durante esse período, a criança é progressivamente enquadrada como dependente do adulto, e

essa crença na dependência passa a moldar a própria noção de infância.

A transição do feudalismo para o surgimento da burguesia como classe dominante trouxe consigo novas estruturas sociais e econômicas, redefinindo as dinâmicas familiares. Com a emergência de uma sociedade mais orientada para o comércio e a produção, as relações familiares foram moldadas por valores que atribuíam à criança um papel submisso e dependente dos adultos. Essa mudança nas estruturas sociais repercutiu na forma como a infância passou a ser compreendida e tratada.

A visão da criança como dependente reflete-se nas práticas educacionais, nas relações familiares e nas representações sociais da infância. A criança, anteriormente considerada como um ser em desenvolvimento com características próprias, passa a ser percebida principalmente em função de sua relação com os adultos. A ideia de dependência torna-se um elemento central na definição do que é ser criança, influenciando normas sociais, valores educacionais e a própria construção da identidade infantil.

Assim, a mudança nas concepções sobre a infância durante esse período histórico não apenas delineou a dependência infantil em relação aos adultos, mas também estabeleceu padrões culturais e sociais que moldaram as interações entre as gerações e a própria construção do papel da criança na sociedade. Essa transformação foi um componente fundamental na evolução do entendimento contemporâneo sobre a infância e suas relações com as estruturas sociais dominantes.

Deste modo, surge a necessidade de pensar um gênero literário adequado para esta faixa etária, surgindo assim, a Literatura Infantil, tendo como precursor os contos de fadas, que surgem do folclore e eram transmitidos oralmente. Os textos infantis eram usados com o intuito pedagógico, uma vez que " os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professoras com marcante intuito educativo" (Zilberman,1981, p. 19).

Sobre as narrativas abordadas nos contos de fadas, Abramovich (2009, p. 120) sustenta que essas histórias tratam do extraordinário, do domínio da imaginação, da fantasia, originando-se sempre de situações reais e concretas, abordando emoções que são comuns a todas as crianças. De acordo com a autora, os contos abordam temas como medos, amor, as 'dificuldades de ser criança', carência familiar, pobreza e autodescobertas. Nas palavras de Fanny Abramovich (2009)

Falam de tristezas, de desconforto, de revelações. Nos falam da vida e da morte, de ciclos que se iniciam e que se fecham... Nos falam da dificuldade de ser criança ou jovem, de como é preciso provar nossa capacidade a cada instante [...] das turbulências internas que fazem parte da condição humana também podem ser compreendidas e resolvidas através do encantamento da magia, da presença do maravilhoso... Falam de pessoas e de suas buscas de felicidade. (Abramovich, 2009, p.137)

Para Lajolo e Zilberman (1986), no Brasil, a Literatura Infantil nasce com as tentativas de traduções para o português brasileiro de obras como: Figueiredo Pimentel, Carlos Jansen e Olavo Bilac. Após tentativas de adaptações e traduções de autores Europeus, surge uma importante figura na produção de escritórios originários do Brasil: Monteiro Lobato. Sobre a importância deste autor para a Literatura Infantil nacional, Zilberman (1981) ressalta:

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se rompe (ou melhor, começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica, valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, constrói Monteiro Lobato uma realidade ficcional o que ocorre pela invenção do Sítio do Pica Pau Amarelo (Zilberman, 1981,p. 48).

A partir deste momento que o Brasil viu surgir a partir da década de 1970, uma ampla gama de escritores de obras infanto-juvenis como: Mauricio de Sousa, Pedro Bandeira, Ziraldo etc.

[..] a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores, e não é porque estes ainda não alcançaram o status de adulto que merecem uma produção literária menor (Zilberman, 1981,p. 2)

Contudo foi o fortalecimento da escola enquanto instituição que ofereceu condições oportunas e definitivas para seu desenvolvimento, nesse sentido

[...] não teve origem popular, nem aparecimento espontâneo: seu surgimento foi induzido, patrocinado pelos autores que escreviam livros para crianças no período de transição entre os séculos XIX e XX.Desde então, no entanto, e em particular após o sucesso de Tales Andrade e Monteiro Lobato, as editoras começaram a prestigiar o gênero, motivando seu aumento vegetativo ao longo dos anos 20 e 30, bem como a adesão progressiva de alguns escritores da nova e atuante geração modernista (Cademartori; Zilberman, 1986, p. 61)

Em resumo, ao refletir sobre a evo-

lução histórica da literatura infantil global e brasileira, fica claro a importância dos contos de fadas e das histórias infantis na formação da criança. Além de estimular a imaginação e a sensibilidade, a literatura desempenha um papel fundamental na construção de significados, no desenvolvimento do conhecimento e na interpretação e compreensão do mundo ao seu redor.

O TEATRO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Quando incentivamos a criança a ouvir, apresentar e assistir a histórias, a estimulamos a desenvolver sua imaginação, sua capacidade de observação e sua criatividade para o mundo faz de conta. Um aspecto crucial que o educador deve ponderar é a seleção do conto. Conforme destacado por Lomardo (1994), existem duas modalidades de teatro infantil: a primeira é aquela feita por adultos para as crianças e a segunda é aquela encenada pelas crianças, neste trabalho nos debruçamos principalmente sobre o primeiro aspecto.

As duas modalidades apresentam uma perspectiva didática e tem sua base no jogo dramático, que

Tanto pode ser uma atitude espontânea, como efetivamente é nas brincadeiras infantis, quanto assumir características direcionadas (jogo dramático dirigido), visando atingir um objetivo específico– educacional, por exemplo (Lomardo, 1994, p. 10)

De acordo com Pereira (2018) até o século XX, o teatro dirigido às crianças era restrito a encenação com bonecos e sombras. É somente a partir da década de 1970 que vislumbramos o teatro infantil voltado especificamente para o público infantil. Campos (1998, p. 53) afirma que "uma das características do teatro nos anos 1960-1970 é a redução, e até negação, do valor do texto, a tônica incide sobre o espetáculo, e a arte da encenação beneficia-se".

Sobre a relação entre o teatro infantil e o teatro popular Campos (1998) afirma que:

As aproximações entre teatro infantil e teatro popular são antigas. Este, muito provavelmente, tem sido o maior fornecedor de formas dramáticas para aquele. Ambos se caracterizam, antes de tudo, como um teatro não psicológico, cuja ação é sustentada por situações e movimentos externos, envolvendo personagens planos e genéricos, no sentido de não tenderem à individualização. Aproxima-os ainda o humor e, de modo geral, o caráter lúdico que se encontra, tanto nos espetáculos populares quanto em boa parte do melhor teatro para crianças (Campos, 1998, p. 56)

O teatro enquanto atividade artística traz para a sala de aula o mundo lúdico, que amplia o imaginário dos pequenos e os envolve com sua magia e fantasia, conforme elucida Abramovich:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...E ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (Abramovich, 2009, p. 17).

Se considerarmos a literatura como o "ingrediente saboroso que está ao alcance de qualquer leitor" (Sisto, 2009, p. 68) podemos enquanto educadores, nos abrir para diversas maneiras de utilizá-la em sala de aula, com o objetivo de contribuir para a formação de indivíduos criativos, críticos, sensíveis e reflexivos.

Se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. (Cademartori, 1986, p. 19-20).

A ENCENAÇÃO TEATRAL EM SALA DE AULA

Como sabemos o teatro infantil trabalha diversos aspectos do desenvolvimento infantil. O contato com o fazer artístico trabalha o desenvolvimento das capacidades expressivas e a apropriação da linguagem Cunha (1999) argumenta que:

As instituições de educação infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagador para o desenvolvimento das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento do mundo através dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição, gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está à sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, estes são os fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente (Cunha, 1999, p. 10)

Tendo em vista a importância da cultura lúdica entre os pequenos e o fato de que é para muitas crianças, um dos poucos espaços onde podem brincar coletivamente, fazendo das brincadeiras um elemento essencial para a organização do trabalho pedagógico uma vez que as brincadeiras evoluem mais nos seis anos de vida do que em qualquer outra fase do desenvolvimento humano (Figueiredo, 2009).

A atuação teatral pode ser trabalhada de diferentes maneiras pelos educadores.

Nossa proposta pedagógica é que o professor inicie com a contação de histórias, com o objetivo de "familiarizar as crianças com a linguagem estética dessa manifestação cultural e abastecê-las de um repertório de narrativas, a fim de que, a partir delas as crianças tenham elementos para contarem suas próprias histórias (Figueiredo, 2009, p. 29)."

Para enriquecer a experiência teatral, também é preciso que haja uma escolha cuidadosa na narrativa a ser encenada. Uma história que desperte o prazer da criança em transmiti-la pode resultar em uma troca mais profunda entre o educador e os alunos. A combinação da ambientação adequada com uma interpretação encantadora contribui para um momento de maior entusiasmo e concentração por parte das crianças. Esse aspecto abre espaço para que, ao final da peça, as crianças sintam curiosidade em explorar os fantoches e demais objetos, incentivando diálogos e recontos por parte delas. Além disso, conforme orienta Figueiredo (2009, p. 29), o professor também pode solicitar às crianças que registrem a história contada por meio de desenhos e, posteriormente, relatem oralmente o que desenharam. Dessa maneira, ao entrar em contato com a perspectiva da criança, o educador tem a oportunidade de observar a significação atribuída a cada elemento gráfico representado e estabelecido por elas próprias.

O teatro pode ter continuidade com a proposta de confecção de bonecos e fantoches através de sucatas (Figueiredo, 2009). O uso desse material não se justifica apenas pelo baixo custo e aspecto ecológico. Os objetos cotidianos podem assumir outras formas através de um jogo simbólico em que as crianças constróem outros usos aos materiais convencionais.

Em seguida, o educador pode propor que os pequenos brinquem com os fantoches. Conforme ressalta Figueiredo (2009):

Essa atividade deve priorizar as brincadeiras livres, nas quais o professor organiza e otimiza o espaço para o jogo simbólico, mas não interfere nas ações infantis, e onde a organização do espaço físico assume extrema importância para a construção de significados. Estruturamos este momento como uma situação de brincadeira, e não de improvisação teatral. Não sugerimos que as crianças devam criar e memorizar um texto teatral, mas que brinquem de contar histórias umas às outras, com ênfase nas situações de comunicação e interação entre os contadores e a platéia infantil. (Figueiredo, 2009, p. 30)

Na prática em sala de aula, cabe ao educador proporcionar às crianças a apropriação do espaço, ou seja, influenciar através de uma abordagem lúdica as brincadeiras infantis. Nesse sentido, o professor assume a função de organizar o ambiente de aprendizado de maneira a despertar o interesse da criança, incentivando-a a agir para aprender, pois é a atividade direta do sujeito sobre o mundo que possibilita a apropriação do conhecimento e da cultura.

Um aspecto essencial do aprendizado, conforme proposto por Vygotsky (1989, p. 101), é a criação da zona de desenvolvimento proximal, na qual o aprendizado desencadeia processos internos de desenvolvimento que operam quando a criança interage com pessoas em seu ambiente, especialmente em cooperação com seus colegas. O aprendizado, uma parte necessária e universal do desenvolvimento de funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas, destaca a importância do processo educacional na formação integral das crianças.

Vygotsky (1989) também distingue entre os níveis de desenvolvimento real e potencial ou proximal. O primeiro refere-se à capacidade do indivíduo de realizar atividades de maneira autônoma, enquanto o último é evidenciado quando a criança consegue realizar uma atividade com ajuda, mas ainda não de forma independente.

A arte do teatro, como meio de integração do indivíduo com o ambiente, surge como uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento das crianças. Através de teatralizações dinâmicas e prazerosas, é possível proporcionar momentos instigantes para o aprendizado. A abordagem lúdica facilita a compreensão e internalização de conceitos pedagógicos, enquanto o trabalho conjunto, a comunicação e a socialização contribuem para a construção de um ambiente educacional positivo e colaborativo, nesse sentido as brincadeiras dão espaço a novas zonas de desenvolvimento proximal:

Um espaço de relações interpessoais no qual o parceiro mais experiente, ou seja, aquele que tem seu comportamento mais mediado pelo conjunto de signos de cultura, não precisa estar concretamente presente, mas pode ter trazido à situação pelas ações das crianças e, gradativamente, via memória e as representações que elas começam a poder construir (Oliveira, Guanes, & Costa, 2004, p. 72).

O teatro, além de ser uma linguagem expressiva, desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil em diversos aspectos. Ao participar de encenações teatrais, a criança adentra um espaço fantasioso que potencializa sua capacidade de imaginar e criar. Simultaneamente, ela desenvolve um jogo simbólico em que pode se posicionar e assumir diferentes papéis sociais de maneira ativa.

Essa combinação é fundamental, pois, à medida que pratica atividades teatrais, a criança vivencia a construção de sua criatividade, de sua identidade, significados compartilhados e também diferentes tipos

de interação social.

Em linhas gerais, o teatro desempenha um papel fundamental ao incluir, coletivizar ideias e, principalmente, construir o conhecimento de forma lúdica. Além disso, ele aprimora a capacidade indutiva e lógica por meio das sensações, promovendo a autodescoberta e o entendimento do mundo que cerca a criança.

Conforme destacado por Regatieri (2008), a narrativa teatral não apenas tem o propósito de divertir e entreter, mas, como ressalta Abramovich (2005), assume uma função crucial na formação da criança, sendo um ponto de partida para sua jornada como leitora, e um caminho essencial para a descoberta e compreensão do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, a dedicação cuidadosa do educador ao escolher encenações teatrais alinhadas aos interesses das crianças, juntamente com a utilização de materiais atrativos e instigantes, emerge como um componente essencial para enriquecer o ambiente educacional. O teatro, indo além de sua natureza lúdica, assume um papel central no desenvolvimento infantil, proporcionando um espaço que estimula a imaginação e, simultaneamente, promove aprendizado.

Ao participar ativamente de encenações, as crianças não apenas fortalecem sua autonomia e liberdade individual, mas também internalizam a importância do trabalho em grupo e a valorização do coletivo, contribuindo para o aprimoramento das habilidades sociais e relacionais fundamentais para a vida em sociedade.

A presença constante da arte, desde visitas a museus até atividades como dança, teatro e pintura, desencadeia uma formação rica em experimentos artísticos, proporcionando às crianças uma compreensão holística e apreciação das diversas expressões culturais. Nesse ambiente enriquecido, o teatro destaca-se como uma ferramenta eficaz para incluir, coletivizar ideias e construir conhecimento de maneira envolvente e lúdica. Além disso, sua influência positiva na capacidade indutiva e lógica, por meio das sensações, estimula a autodescoberta e a compreensão do mundo ao redor.

Assim, ao adotar as premissas apresentadas, os educadores não apenas criam um ambiente educacional mais dinâmico e participativo, mas também contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento integral das crianças, preparando-as para enfrentar desafios de forma criativa e colaborativa. O teatro, como ferramenta pedagógica e cultural, emerge como um agente transformador na construção do conhecimento e na formação cidadã das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009

ARROYO, M. G. O significado da infância. In: I Simpósio Nacional de Educação Infantil, 1, 1994, Brasília. Anais... Brasília: Conferência Nacional De Educação Para Todos, 1994.

CADERMATORI, L. O que é literatura infantil. 3. ed. São Paulo, SP Editora

Brasiliense, S.A, 1987.

CAMPOS C. de A. Maria Clara Machado. São Paulo:Edusp, 1998

CUNHA, S. R. V. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melando na educação infantil. Em Cunha, S. R. V. (org.) Cor, som e movimento: a expressão plástica no cotidiano da criança. (pp. 7-36). Porto Alegre: Mediação, 1999.

FIGUEIREDO, T. Brincar, interagir, expressar e comunicar: um estudo a partir do teatro de bonecos na educação infantil. 2009. 139 f., il. Dissertação (Mestrado em

Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde). Universidade de Brasília,

Brasília, 2009.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. Literatura infantil brasileira:história e histórias. 5. ed. São Paulo:Ática,1991.

ZILBERMAN, R. (Org.).A literatura infantil na escola. São Paulo:Global, 1981.

LOMARDO, F. O que é teatro infantil. São Paulo:Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Z. M. R; Guanes, C.; COSTA, N. R. A. Discutindo o conceito de "jogos de papel": uma interface com a "teoria do posicionamento". Em Rosseti-M. C. Amorim, K. S. & Carvalho, A.M.A. (orgs.). Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano. (pp. 69-80). Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, M. C. TEATRO INFANTIL: UM OLHAR PARA O DESENVOLVIMENTO

DA CRIANÇA. APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S. l.], n. 4, 2018. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3078. Acesso em: 1 4 dez. 2023.

SANTOS, A.; SANTOS, A. N. O teatro e suas contribuições para educação infantil na escola pública, 2012.

SISTO, C. A literatura frequenta a escola: mas quem conta as histórias. In: PAROLIN, Isabel (Org.). Professor: formação de professor formador. Curitiba: Positivo, 2009.

p. 67-72.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZILBERMAN, R. (Org.).A literatura infantil na escola. São Paulo:Global, 1981.